

Aos deserto annos, em todo o esplendor da sua adorável juventude, Lili encontra no jardim de seu pae uma corveta, que alli deixara cahir o excellente Plinchard, clarim de caçadores, um pobre tarimbeiro ingenuo e timido em presença das mulheres, que ás vezes escalava o wuro do jardim do sr. Bouzaincourt, pae de Lili, para vir cavaquear sentimentalmente com Victorina, criada da casa. Cavaqueira inocente, aliau de contas. Sucedeu, todavia, que o instrumento alli encontrado faz nascer as mais loucas ideias no cerebro juvenil da pequena Lili.

Acontece porém dentro em pouco que a encantadora creança se enamora perdidamente do bello soldado de caçadores, crente como estava de que as variações executadas por Plinchard no famoso clarim eram todas em seu louvor. Sonha com o seu amado e aprende a tocar instrumento para melhor corresponder aos appellos marciais do seu ídolo. Mas Plinchard, o imbocil, de nada suspeita. O pobre diabo não gosta de Lili, nem mesmo de Victorina, porque vae partir para a África, onde a patria e o dever o chamam. Assim o quer o governo, e Plinchard resigna-se e obedece philosophicamente ás suas disposições, com grande pesar de Victorina.

E Lili? Lili de nada sabe por enquanto. Mas n'este comeños, eis que lhe apresentam um pretendente, um ente ridiculo, o barão de la Grange-Batelière ladeado de um tio quasi idiota, o visconde de Sainte-Hypothèse. O harão quer desposar Lili, os paes da rapariga approvam este desejo, mas Lili recusa formalmente, e quer fugir com o seu querido militar.

N'esta situação, Plinchard cahé litteralmente das nuvens, ao ouvir a proposta formulada catégoricamente pela doce voz de Lili.

Plinchard não tem desejo de deixar o seu regimento e desertar como um cobarde, e as singularidades de Lili encchem-no de confusão. A pobre rapariga, que se julgava amada, é rudemente ferida no coração. Desmaia nos braços de Plinchard, que depois de a ter sentado tranquillamente n'uma cadeira, foge a mata cavallos, sem lhe occorrer sequer a idéa de abusar da situação. E quando Lili recupera os sentidos, deslliudida completamente, resolve casar com o barão. Plinchard parte para a África.

Decorridos oito annos, Lili apparece no seu castello em companhia do idiota do marido, bella, elegante e caprichosa, passando a vida, o melhor que pôde, e fazendo passar bem maus quartos de hora ao marido. O velho visconde apparece-nos um pouco menos idiota.

De repente chega ao castello um bello oficial. É Plinchard, que d'esta vez menos tolo, reconhecendo Lili, procura aproveitar-se d' aquillo que em tempo recusára. Lili resiste, mas é vencida na luta, e o segundo acto da comedia termina pouco mais ou menos como o terceiro do *Antony*.

Depois apparece-nos Lili avô, Lili devota e teimosa, ao cabo de trinta e cinco annos de virtudes e boas obras, Lili ainda bonita com os seus cabellos brancos. A sua grande preocupação é casar sua neta Antonina, que é amada de um jovem advogado, Renato. Mas Lili nem quer ouvir falar n'esse pretendente. Quando a avô desaparece entra em cena Antonina, quer dizer Lili aos desescis annos. Tira a Lili a sua corda de cabellos brancos e tereis Antonina. Antonina e Lili são uma e a mesma actriz — Judic.

Mas é mister que os dois amantes sejam felizes, e sel-o-hão graças ao tio de Renato, que se chama o general Plinchard. O general é o nosso conhecido clarim Plinchard do primeiro acto, o bello offial do segundo, o vencedor de Lili, finalmente!

Plinchard interpõe o seu valimento junto da sua antiga conquista, e consegue vencer-lhe a resistencia obstinada, appellando para a recordação da sua victoria do segundo acto. Eis o enredo da *Lili*. Madame Judic lhe dará todo o relevo de que elle é susceptivel, por isso, queridos leitores, apressae-vos a ir na proxima segunda-feira admirar-a.

SORRINDO...

UM SUJEITO foi a um hospital de alienados ver um amigo, que alli vive feliz ha muitos annos, imaginando ser o Padre Eterno.

O louco reconheceu-o logo e deu-lhe a mão a beijar com um soberbo ar de magestade.

— Como estás? perguntou-lhe carinhosamente o amigo.

— Perfeitamente, respondeu o louco. Tu é que não me pareces ter o juizo em muito bom estado. Nem sequer noaste ainda que estás tratando a Deus por tu.

*

Francisco, diz o dono da casa ao cosinheiro, o carneiro assado do jantar era detestavel. Ha muito tempo que não vejo na carne uma carne tão dura.

— Eu cumprí as ordens que recebi, disse o cosinheiro imperturbavel. V. ex.^a tinha-me dito que queria um prato de resistencia!

CRYSTALLISACÕES

CREPUSCULAR

Nas orlas do poeute ensanguentado,
Entre nuvens de purpura fulgente,
Como um compacto globo incandescente
Brilha o disco do sol congestionado.

Não vibra um som no ar inanimado,
Nem uma ave atravessa o Azul dormente,
E ao longe o mar em colera tremente
Lança na praia o vomito espumado.

Vem estendendo a noite a sombra informe
E surge por detrás d'um monte enorme
Da lua cheia o lívido clarão.

E, cheia de romantica auctoridade,
Nossa alma abrange toda a imensidão
Numa vaga e ideal contemplação.

GASPAR DE LEMOS.

OS MILAGRES DO AMOR

(CONTO)

E SPLENDIDOS, verdadeiramente esplendidos os compridos e louros cabellos de Rosinha!... Compridos a ponto de lhe chegarem aos artelhos, quando a encantadora rapariga tirava o pente com mão ligeira e meaneava deliciosamente a cabeça como uma tutinegra que saconde as pennas. E louros, de um louro adorável de céara em plena maturação, como se de mauhá, ao atalos em frente da sua janella, tivesse prendido nelles os curiosos raios de sol que se estavam indiscretamente demorando a beijar-lhe a alvura dos hombros! Que bonitos cabellos aquelles, e que doidos sonhos de amor não tinham inspirado a tantos corações de vinte annos! Mas que importava isso, se Rosinha um bello dia havia casado!

O compaupheiro por ella escolhido era um excelente e galante rapaz, alegre e bem disposto, dotado de uma notable aptidão para o desenho. Era este precisamente o unico recurso com que coutava para conquistar uma posição! E, apesar de tão escassa probabilidade, Rosinha e João tinham casado. Porque? E boa! Porque se amavam. Nem eu mesmo posso contar-lhes agora como elles haviam dado por isso. Sabel-o-hiam elles proprios? Não me atrevo a jurar.

João, que tractava Rosinha como um camarada, tinha sempre o coração nas mãos. Uma noite em que apertou os dedos da gentil rapariga por mais tempo do que de costume, Rosinha encoutrou nas suas mãos o coração do namorado. O doidivana deixára-o ficar por descuido. Para o castigar, Rosinha ficou com elle. Eis tudo o que sei d'esta historia. Antonina e Lili são uma e a mesma actriz — Judic.

De resto, nem um nem outro tinham dinheiro. No dia seguinte ao do casamento, João, vasculhando bem as algibeiras, encontrou nelhas cinco tostões...

— Não poderemos ir muito longe com isto, disse elle.

Foram... até ao jantar, que foi frugal. Mas indemniaram-se largamente á ceia, numa ceia de apetitosas caricias, em que fizeram um consumo extraordinario de beijos, os gulosos!...

* * *

No dia seguinte, João teve uma fortuna inesperada, que o deixou por algum tempo aturdido, como se lhe tivesse cahido uma pedra sobre a cabeça: — vinte libras! Era o presente de nupcias que lhe mandava um tio da provicia. Depois de se terem mutuamente beliscado para se certificarem de que estavam bem accordados, os nossos dois pombeiros começaram a fazer os mais phantasticos projectos. Se não fallaram de comprar um reino, foi simplesmente porque não saberiam que fazer d'elle. Rosinha foi a primeira a encarar seriamente a situação. Era uma mulher de juizo a nossa Rosinha!

— Dá cá, disse ella. Eu serei o caixa. É preciso sermos economicos e pensarmos no futuro.

João entregou-lhe o vale de correio com um gesto magnifico, e desde esse momento uma unica ideia o preoccupava por vezes. Quando sahia á rua e se mirava nos espelhos das lojas de modas, achava-se de uma apparencia demasiado burgueza e comegeava a apalpar-se para verificar se o ventre começava já a manifestar uma certa preomenencia. Então, dizia consigo que era mister tratar de emagrecer, e punha-se a correr a cidade, procurando trabalho para... mais tarde.

Ao cabo de quinze dias, Rosinha começoou a sentir-se dominada por uma vaga inquietação. Era uma coisa incrivel:

— as vinte libras approximavam-se do fim! Uma coisa assim! Até parecia obra de brusedo!

Rosinha revestiu-se de um aspecto grave, reflectiu por algum tempo, e tomou uma resolução.

— Sabes? disse ella á noite a João. É preciso que dentro de oito dias encontre trabalho.

— Bem o desejo eu; mas que tens tu, porque estás hoje tão seria? Dar-se-ha o caso de não termos já dinheiro?

— Temos... ainda ha muito dinheiro. Mas um homem não deve estar sem fazer coisa alguma.

— Tens razão, teus, minha querida. Por isso eu procuro trabalho todos os dias; mas podes crer que não é muito facil encontrar-o.

Oito dias depois, o caixa achava-se n'uma terrível situacão. Não havia que dissimular, a miseria batia á porta. Rosinha não disse nada a João, por conhecer que o pobre rapaz fazia quanto podia para encontrar onde trabalhar. Era dificil a tarefa, mas a excellente rapariga fez quanto podue para conjurar a miseria que ameaçava o casal. Com os escassos recursos que restavam fez verdadeiros prodigios de economia; e ao cabo de uma semana d'este regimen, Rosinha tornara-se a mais avisada e prudente das donas de casa. Dizemos que era a mais habil tambem, porque João, sempre sem trabalho, não dera por nehumda das dificuldades em que se via a pobre senhora.

Uma manhã, logo que João sahiu, Rosinha sentiu-se dominada por uma terrível angustia, que a obrigou a chorar amargamente.

Restavam-lhe alguns tostões... Poderiam comer durante dois dias, e ainda assim, seria mister uma prodigiosa economia. Decididamente a desgraça ia pesar sobre aquella casa.

Rosinha vestiu-se, soltando alguns suspiros. Ao começar a pentear-se defrente do seu espelho, viu que não tinha guachos para segurar os cabellos.

— Bonito, disse ella muito triste. Mais uma despesa!...

E saiu á rua para ir comprar um massinho de ganchos a casa do cabelleireiro. O artista capillar estava a um canto do establecimiento, muito atarefado a entrançar uma grande porção de cabellos louros.

— A menina é que não precisa d'isto, disse elle com um certo ar de galanteria, designando o esplendido cabello de Rosinha.

— Não preciso, não, e felizmente para mim, porque deve ser muito caro!...

— Um pouco, um pouco. Estes que aqui ve hão de render uma libra.

— Uma libra, santo Deus!

— E verdade. Mas entra em conta o trabalho, porque isto ainda custa bastante a preparar.

— De certo, de certo, mas o cabello só por si tambem tem algum valor?

— Se tem! O que eu aqui estou a preparar vale bem tres mil réis.

— Tres mil réis! Mas então quanto vale o que eu tenho na cabeça?

— Vamos vêr.

Rosinha tirou o pente e com um geito encantador da cabeça fez cahir até aos pés a loura cascata dos seus cabellos.

— Uma belleza! disse o cabelleireiro. Ha aqui...

Mas calou-se de repente, porque farejou um bom negocio.

— Aqui, bem pago, bem pago, ha o valor de uma nota de vinte mil réis. Quer fazer negocio?

— Hoje não, respondeu Rosinha, compondo o cabello. Mas d'aqui a dias poderá ser. Ha muito tempo que tanto cabello me incomoda e me causa grandes dores de cabeça.

— Bem, quando quiser. E é verdade, excusa de o cortar todo de uma vez! Eu compro tambem ás pequenas porções...

— Bem, bem. Eu voltarei por aqui qualquer dia.

E Rosinha, um pouco pensativa, voltou para casa. João acabava de chegar para almoçar.

— Queres saber, disse ella dando uma gargalhada, o que o cabelleireiro alli da esquina acaba de me propôr?

— O que foi?

— Queria dar-me vinte mil réis pelo meu cabello.

— Que ideia tão tola!

— Ora, quem sabe! No dia em que não tivermos dinheiro, poderá ser um recurso.

Mas João, ouvindo isto, teve uma ira medonha. Não, não! Se ella algum dia fizesse semelhante cousa, elle faria... Nem elle mesmo sabia ainda o que faria, mas embora... Só uma cabeça de mulher era capaz de inventar ideias tão absurdas!

Rosinha não se atreveu a replicar.

Quinze dias mais tarde, Rosinha penteava-se defronte